

POLIFONIA NA SÉ DE ANGRA?

Três Impressos de Sacra Portuguesa Seiscentista



LUIZ C. F. HENRIQUES | TEXTO

A **IDÉIA DE UMA PRÁTICA POLIFÔNICA** no arquipélago dos Açores é nos sugerida pelos inúmeros relatos dos historiadores seiscentistas e setecentistas como Gaspar Fructuoso¹, Frei Diogo das Chagas² ou o Padre António Cordeiro³. A ideia de uma diocese nas Ilhas dos Açores (na altura chamadas «ilhas terceiras») sem antecedentes no ano de 1573, data do documento em que o rei da Portugal, D. João III, faz menção a D. António de Azevedo Coutinho da «bispoado das ilhas terceiras». Este monarca faz-se representar junto da Santa Sé, através do diplomata D. Martinho de Portugal, com vista à ereção de vários bispoados, sendo um deles nas «ilhas terceiras». Esta intenção veio a confirmar-se com a criação do Bispoado de Angra a 3 de Novembro de 1574, pelo Papa Paulo III, através da bula *Apasem Apostolicus* (Mista, 2007, p. 33). Aquando da criação do Bispoado, foi também criado o Cabido, integrando as dignidades de Dolo, Arceidiágo, Chantre, Tesoureiro maior, Mestre-escala e doze cântoros.

A **PRIMEIRA MENÇÃO DOCUMENTAL** à prática musical na Sé de Angra advém de um alvará, datado de 18 de Outubro de 1570, ordenando um aumento de oito mil réis ao «tampedeo dos orgãos da se da cidade d'Angra, que ora tange» (White, 1967-68, p. 30), pressupondo que já houvesse algum previamente a ocupar este posto, pelo menos desde a criação do Bispoado, em 1574. A 27 de Abril de 1553, por carta de D. João III, são mandados criar na Sé de Angra quatro moços de coro, nomeados pelo Bispo e com um ordenado anual de mil réis (White, 1967-68, p. 57). A estes, por alvará datado de 3 de Julho de 1568, são acrescentados mais dois moços de coro que também serviam na Sé, provenientes «do collegio dos miuzinhos orfãos» (White, 1967-68, p. 57), designando-se, pois, um aumento no serviço musical na Catedral angrense, requerendo assim mais cântores para os diversos serviços litúrgicos.

APENAS EM 1567 (trinta e dois anos após a criação do Bispoado), por alvará de 28 de Agosto, é criado oficialmente o posto de mestre de capela. A este são atribuídas funções específicas como a de «sustinar canto-cham e canto d'orgão [...] e any em sinara de graça vinte moços pobres que o bispo lhe nomeara» (White, 1967-68, p. 70). Por aqui se vê que em 1567 já existe uma distinção entre «canto-cham» (cantochão) e «canto d'orgão» (qual-

quer música escrita para mais de uma voz). Por esta distinção pressupõe-se, com bastante clareza, que ambos coexistiram na Sé de Angra em meados do século XVI. Este último ponto coloca em aberto a chegada da música de Duarte Lobo e Frei Manuel Cardoso à Sé de Angra no século XVII, sendo a sua prática na Sé de Angra perfeitamente possível.

RECENTEMENTE, durante o processo de catalogação do fundo musical do Arquivo Capital da Sé de Angra, foram identificados três livros de polifonia sacra. Estes compreendem dois volumes de Duarte Lobo e um volume de Frei Manuel Cardoso (1566-1650). Os primeiros foram identificados o *Cantion B. Mariae Virginis*, de 1607 e o *Liber Missarum* de 1620; do segundo, o *Cantion B. Mariae Virginis*, de 1613 (Benépsios, 2012a).

O **Liber Missarum** de Duarte Lobo foi publicado em Amsterpia, em 1621, na Oficina Plantiniana, por Baltazar Moreto. Do *Liber Missarum* foram impressas diversas cópias. Destas, foram até ao momento identificadas treze: três em Coimbra (Biblioteca Geral da Universidade), duas em Lisboa, em Évora, Elvas, Lamego, Sevilha, Badajoz, Córdoba, Oxford e México. Este volume compõe-se de duas antífonas a quatro vozes⁴, quatro missas a quatro vozes⁵, uma missa cinco vozes⁶, uma missa a seis vozes⁷, duas missas para dois coros (otto vozes) e dois motets (Algrina, 1984, p. 407).

OS OUTROS DOIS VOLUMES compreendem, como atrás foi mencionado, um livro de Magnificat de Frei Manuel Cardoso e outro semelhante de Duarte Lobo. Estes compõem-se de duas versões deste himno (uma correspondente aos versos pares, outra aos versos ímpares), posas em polifonia nos oito modos eclesiásticos. O volume de Lobo foi impresso em Amsterpia, em 1607, na Oficina Plantiniana por João Moreto, com uma tiragem de 350 exemplares (Algrina, 1984, p. 39). O volume de Cardoso foi impresso em Lisboa, em 1613, na oficina de Pedro Craesbeck. **DESCONHECE-SE A PROVENIÊNCIA** destes três volumes, assim como a sua chegada à Sé de Angra. A ausência de quaisquer marcas de posse ou anotações não permitem identificar possuidores ou guardiães destes volumes. Duas hipóteses sobressaem quanto à proveniência e chegada destes volumes à Sé de Angra. A primeira destas hipóteses prende-se com D. José Pegado de Azevedo, vigésimo quinto Bispo de Angra. D. José Pegado é sagrado Bispo de Angra a 13 de Novembro de 1608, chegando a Angra no ano seguinte. Este Bispo parecia ter vastos conhecimentos musicais pois, ao tomar posse da Diocese, implementa uma

vasta referenda da música que se praticava na própria Sé e demais igrejas e conventos.

DURANTE O BIPADO de D. José Pegado (correspondendo a primeira metade do século XIX foram mestres de capela na Sé de Angra Manuel Machado Dias e Mateus Pereira de Lacerda. Do primeiro, possui o Arquivo Capítular uma série de manuscritos musicais, compreendendo maioritariamente música sacra portuguesa da segunda metade do século XVIII, com data de data (ano da chegada a Angra de D. José Pegado) e 1802), eguidos e oferecidos à Capela da Sé pelo seu mestre de capela. Supõe-se que, sob a influência deste bispo, terá todo este repertório sido adquirido para a Sé. D. José Pegado era ele próprio um colecionista, sendo possuidor de uma vasta biblioteca que legou testamentamente ao seu sucessor «... para que haja na diocese d'Angra um Seminário Episcopal» (Mota, 2007, p. 150).

EXISTE, POIS, A POSSIBILIDADE destes três livros de polifonia terem integrado essa vasta coleção, entretanto dispersa. Terá, eventualmente, o bispo, melômano e colecionista, adquirido estes volumes em Lisboa como mera antiguidade? Sendo este bispo um homem culto, parece, contudo, ser um homem do seu tempo. A música concertada ao estilo italiano era a música que se ouvia em Portugal no início do século XIX, sendo na altura a música de Duarte Lobo e Frei Manuel Cardoso uma distante e espartada recordação do passado. Quanto muito seria este compositor lembrado nas igrejas e capelas onde existisse uma tradição de prática de polifonia vocal sacra. Revisando ao início do século XVIII, com a subida ao trono do magnânimo D. João V, estagnar-se quase de forma súbita a prática polifónica em Portugal. Este facto dificultaria a sobrevivência de uma tradição polifónica até ao século XIX.

A SEGUNDA HIPÓTESE prende-se com a própria actividade musical na Sé de Angra desde a sua fundação como Bispoado. Parece já existir uma prática musical na Sé de Angra aquando da criação do Bispoado, se não polifónica ao menos no que à prática da cantochão diz respeito. Pela documentação quincentista (atais mencionada) pode-se depreender que esta mesma documentação vem alhorar situações que já existiam há algum tempo na Sé de Angra. Assim sendo, ao longo do século XVII já existiria esta prática musical estabelecida, com pelo menos um século de tráfego, potenciando a instituição e consolidando uma prática polifónica regular. Não seria, pois, surpreendente que estes três impressos fossem parte de um corpus de repertório polifónico destinado ao uso da catedral.

EL-REI D. JOÃO III e seus sucessores reservaram a si o poder de propor a nomeação dos Bispos de Angra. Estes pertenciam ou não ao mesmo indirectamente ligados à Ordem de Cristo. Esta, pelo seu poder económico, poderia ter patrocinado a aquisição destes livros. Poderiam, inclusive, ter os próprios Bispos de Angra adquirido os ditos livros, fazendo estes parte das suas bibliotecas pessoais. Estes seriam, à partida, os únicos com poder económico suficiente para adquirir livros que na altura eram pagos a peso de ouro.

NÃO, TAMBÉM, QUE ESPERAR O FACTO de Frei Manuel Cardoso, e sobretudo Duarte Lobo, terem gozado de bastante fama, sendo

a sua obra conhecida na Península Ibérica, Flandres¹⁷ e cidades lusófonas, Inglaterra e no Novo Mundo. Diz José José Augusto Alegria (1984, p. 20) que «...os artistas eram apenas citados ocasionalmente e por pessoas a eles ligados, não por interesses de elogio mas sim [...] mas apenas ao pé do reconhecimento directo da obra ou pela acção do testamento dos entendidos». António Fernandes, na sua *Arte de Música* (Lisboa, 1646), teve os maiores elogios ao seu mestre Duarte Lobo, a quem dedica a obra. Parte-se do princípio de que, publicados estes livros entre 1665 e 1685, nunca chegaram à Angra antes de 1683, pois da tomada de posse do décimo primeiro Bispo de Angra, D. Pedro da Costa Leal. Este Bispo (nascido no Porto) estudou em Coimbra, laureando-se doutor em Teologia por volta de 1665. Em 1682, assume o cargo magistral da Sé de Évora. Por este percurso vê-se que passou por dois grandes centros de actividade polifónica do Reino (Coimbra e Évora) onde terá certamente contactado com a música aí praticada, assim como com quem a praticava (mestres de capela/compositores, cantores, instrumentistas, etc.).

O SUCESSOR DE D. PEDRO DA COSTA LEAL, D. João Pimenta de Azeite, tem um percurso em tudo semelhante. Este Bispo nasceu em Ponte da Barca, passando pelas sés de Lameira, Braga e Coimbra, ocupando a dignidade de chantre nesta última (Mota, 2007, p. 108). Novamente, o seu percurso faz-se por centros de forte tradição polifónica, como é o caso da Sé de Braga (Alegria, 1985, p. 35-45). Filho de nobres, poderá ter sido este Bispo a propiciar a vinda dos três impressos seiscentistas para a Sé de Angra.

OS SEUS DOIS SUCESSORES, D. Frei António da Ressurreição e D. Frei Lourenço de Castro (décimo terceiro e décimo quarto Bispos de Angra, respectivamente) provinham da Ordem de São Domingos e, por consequência, despididos de quaisquer bens supérfluos. Contudo, era ambos existirem ligações a importantes centros de actividade musical como Évora e Coimbra (no caso de D. Frei António) e Lisboa (no caso de D. Frei Lourenço) (Alegria, 1985, p. 35-06).

O DÉCIMO QUINTO BISPO DE ANGRA, D. Frei João dos Praeres, também poderá ser apontado como quem para Angra trouxe estes três volumes. Nascido na Guarda, fez estudos no Colégio do Espírito Santo da Companhia de Jesus em Évora, tornando-se Leme nesse mesmo colégio em 1672. É proposto para Bispo de Angra por D. Pedro II e confirmado pelo Papa Inocêncio XI a 6 de Março de 1683. Foi sagrado Bispo de Angra em Lisboa a 16 de Maio desse mesmo ano, tomando posse da Diocese a 22 de Agosto. Este Bispo utilizou grande parte dos fundos económicos do Bispoado com alguma generosidade. Morreu emvidente, sendo a prata que servira nos pontifícios arrebatada em hasta pública a fim de saldar as dívidas. Contudo, conseguiu a Cabide resistir à utilização para tal os fundos da Mitra e das Chancelarias (Mota, 2007, p. 133).

PARTINDO DESTAS HIPÓTESES, pode-se conjecturar a ideia de que estes três impressos de música sacra portuguesa seiscentista fizeram parte integrante de um corpus de música polifónica sustrata existente na Sé de Angra. Persiste, pois, a dúvida sobre quem os terá adquirido e qual a sua proveniência.

NOTAS

1. Espetral (re)criação à maneira de um quarto volume do *Sacramento da Mesa*.
2. Cf. *Relatório* (Coimbra) em *Journal de Viagem* (Paris).
3. Cf. *Relatório* (Lisboa).
4. Passagem entre impressiones no Arquivo Capítular em nome IM. 8, IM. 9 e IM. 10 respectivamente.
5. Angra não é Vila açucareira.
6. De Santa Tróvão, Santa Maria, Duascentos, sobre a música de Francisco Guerrero, e Vila Rica, Pernambuco, sobre a música de Giovanni P. da Palestrina.
7. *Diachron* (Lisboa), sobre a música de Francisco Guerrero.
8. *Diachron* (Lisboa), sobre a música de Giovanni P. da Palestrina.
9. *Diachron* (Lisboa), sobre a música de André Manuel de Castro, sobre a música de Frei Manuel Cardoso.
10. *Diachron* (Lisboa), sobre a música de André Manuel de Castro, sobre a música de Frei Manuel Cardoso.